

## A DUBLÊ

*Iuli Gerbase* é roteirista, diretora e mestranda em Escrita Criativa pela PUCRS. E-mail: iuligerb@gmail.com

- Oi, querida. Posso entrar? – disse a Produtora de Elenco ao entrar no camarim de Ivana Miller – A gente fez uma seleção pra ti. Tá aqui.

Ivana Miller, cujo nome verdadeiro era Ivana Pinheiro dos Santos, era uma atriz gaúcha que estourou aos vinte e dois anos no Rio de Janeiro ao interpretar a amante sensual do protagonista da novela das oito. Havia se tornado rapidamente uma queridinha das novelas e do povo brasileiro, com seus cabelos loiros, seios fartos, coxas grossas e pele extremamente bronzada. Já removera sete cânceres de pele.

- Deixa eu ver. – respondeu enquanto pegava a pasta. Folheou bem devagar, só para deixar a Produtora de Elenco nervosa.

Aos sessenta e um anos, Ivana mantinha seu status de musa. Mas ser musa da terceira idade não rende a mesma coisa que ser musa ninfeta. Os papéis e a atenção rareavam. Um Diretor gaúcho havia lhe enviado um roteiro de curta metragem que, segundo ele, “seria um filme biográfico que iluminaria os pontos altos da tua vida e da tua carreira, exaltando o teu poder feminino, talento e magnetismo sexual”. Talento vinha com letras maiores, pra ressaltar que ele não admirava apenas suas coxas. O roteiro não apresentava nenhuma inovação, mas Ivana viu nele uma oportunidade de, além de ser insuportável com a equipe e receber sorrisos em troca, mostrar a certas pessoas que ela ainda estava por cima.

- Quem selecionou isso? – perguntou Ivana.
- Eu... o Diretor... A Assistente opinou um pouco...
- Vocês já me viram pelada?
- O...

Ivana precisava escolher uma atriz para a cena em que sua personagem perdia a virgindade. O Diretor havia lido em uma entrevista que ela perdera a virgindade só aos dezoito anos. Sinceramente, Ivana não lembrava direito quantos anos tinha, mas inventou uma história fantástica durante a entrevista: “Minha primeira vez foi aos dezoito anos, com o filho do capataz da fazenda do meu pai. Era um jovem maravilhoso, sempre suado, trabalhando com os cavalos”. Depois dessa, Ivana pensou que deveria escrever roteiros, porque na realidade ela perdeu a virgindade da maneira mais banal com o homem mais sem graça.

- Eu já apareci de biquíni, lingerie, fio-dental, a puta que pariu em quinhentas cenas. E vocês me trazem isso. – Ivana mostra para a Produtora de Elenco a foto de uma menina loira, bonita e muito magra. – Essa menina não tem coxa! É um palito engomado.

- Ela é talentosa, fez dois curtas que...
- Uhhhh. Fez dois curtas. É quase um Oscar. Tem até uma ruiva nessa pasta!
- A gente pode pintar. Ou botar uma peruca.

- Quem tem experiência sabe que peruca nunca funciona. Talvez peruca de cabelo de verdade, mas aposto que pra isso vocês não têm dinheiro. Tu já leu os poemas que escreveram sobre as sardas das minhas costas?

A Produtora de Elenco não sabia o que responder. Suspeitava que havia escutado mal a pergunta. Poemas... Sardas...

- Hein? – insistiu Ivana.

- Desculpa, eu...

- Um escritor maravilhoso, chamado Teodoro Felix, formado em Letras na USP, criou um blog com poemas pra mim. Quatro poemas eram sobre as sardas das minhas costas. Vocês encontrem, por favor, uma menina loira, com coxa, peito, bunda e sardas.

- Sim. – respondeu a Produtora de Elenco, olhando para a pasta que voava como um frisbee da mão de Ivana para o canto do camarim.

- Meu motorista tá aí?

- Sim. Quer ir pro hotel?

- Tô pronta.

Ivana vestiu o casaco para encarar aquele frio de Porto Alegre do qual não sentia falta. O Motorista logo disse que era seu fã, especialmente da novela Corações Desalmados. Ele a deixou fumar seu cigarro sabor morango de janela fechada. O carro ficou mais doce que chiclete, e a fumaça atrapalhou um pouco sua visão. Ele ligou o rádio em uma estação que não apresentava nenhuma preferência de estilo. Ia do punk ao pagode em sete músicas.

Naquela noite, a mistura da fumaça de morango e a letra da música do Bee Gees “More than a woman, you are, baby, more than a woman to me” deixaram Ivana um tanto embriagada. Mais que uma mulher. “Eu sou mesmo. Eles têm razão”, ela pensava. More than a womaaaaan. “Mulher é metade da população do planeta. É qualquer uma. As mulheres me assistem. Compram um vestido parecido ao que usei na cena da festa. Usam as gírias da minha personagem com as amigas.” More than a woman.

Quando a música acabou, Ivana sabia o que fazer. Não sabia se sua ideia era genial ou louca. Sabia, sim. Era genial. Assim que chegou no quarto do hotel, abriu o seu computador e pesquisou. Pesquisou por três horas e achou. Pegou o contato. Imprimiu as fotos.

No dia seguinte, Ivana chegou mais cedo ao set de filmagem pela primeira vez. Pediu para falar com o Diretor antes de qualquer coisa. Ele chegou ao seu camarim com olheiras e aquela cara de cineasta ansioso. Ivana abriu seu melhor sorriso. Caminhou até ele lentamente, pegou na sua mão e a beijou, deixando uma marca rosada de batom. Ele até acordou.

- Bom dia, querido. – disse ela, suavemente.

- Bom dia! Empolgada com a cena de hoje? – o Diretor tentou mostrar uma reação normal ao surto de simpatia de Ivana.

- Não. Empolgada com quem eu achei pra ti.

Ivana abriu sua bolsa, retirou as fotos impressas e as entregou para ele.

- Pra mim? – ele perguntou, confuso.
- Pro teu filme. Pra cena em que eu perco a virgindade.
- Essa pessoa é um homem?
- Nasceu homem. Virou mulher. Tem o meu cabelo, as minhas coxas, as minhas sardas e os meus peitos.
- São de silicone.
- E tu acha que os meus são de quê, querido? Ouve. Eu já vi as opções ridículas que vocês selecionaram. Nenhuma se parece tanto comigo quanto essa mulher. Até o rosto.

Olha o nariz!

- E ela ainda tem o... pênis?
- Tu quer que o filme seja que censura?
- Catorze anos.
- Então não importa, porque não vai aparecer mesmo.
- Mas eu teria que conversar com o ator pra ele beijar um homem...
- Grande merda. Eu já beijei até cachorro em filme. E ela é mulher, não é homem. Ou tu chama ela pra fazer minha cena da virgindade, ou eu não filmo mais cena nenhuma.

“Ou eu não filmo mais cena nenhuma” era a frase que todos temiam. Ela ia aparecer mais cedo ou mais tarde. E Ivana Miller tinha esse poder. Se o ator não vem, não há o que fazer. Não tem filme, não tem nada. Dito isso, a mulher escolhida por Ivana Miller, que se chamava Felipa Petterson, foi contatada duas horas depois.

Felipa ficou confusa com o convite, mas chegou no set no dia seguinte agindo naturalmente, com um salto gigantesco e o nariz empinado. Em seu camarim, o Ator, que faria o filho do capataz da fazenda, tentava martelar uma frase em sua cabeça: “Ela é mulher. Ela é mulher. Ela é mulher. Eu sou um ótimo ator.” Ele não tinha problema nenhum em beijar Felipa Petterson, mas tinha medo de transparecer em sua atuação alguma hesitação caso notasse um traço masculino nela durante a cena. Assim que Felipa entrou no camarim dele, entretanto, seus medos foram embora. Ela não era apenas uma mulher. Era uma mulher delicada e muito desejável. *More than a woman.*

Quando Ivana soube que Felipa foi primeiro ao camarim do Ator, ficou possessa. Quem fora o incompetente que não a levou direto para o seu camarim? “EU escolhi ela. EU sou ela na versão original”. A Produtora de Elenco reparou o erro o mais rápido que conseguiu, levando Felipa ao encontro de Ivana. Felipa entrou e olhou Ivana de cima a baixo, sem mostrar muita surpresa. Sorriu levemente, sentou na cadeira de Ivana e pegou um cigarro.

- Te importa que eu fume? A fumaça me esquenta nesse frio. – perguntou Felipa, com o isqueiro na mão.
- Pode fumar.

Ivana estava tão embaçada com o corpo de Felipa que nem reparou que ela teve a audácia de sentar em sua cadeira. Era quase como se ver no espelho. Os músculos das pernas, o tom da pele, o quadril, os ombros.

- Alguém já tinha te falado que tu é parecida comigo? – Ivana se sentiu idiota ao fazer a pergunta.

- Já. Dizem que eu pareço contigo naquela novela do cafetão do cassino.

- “Dinheiro e Sedução”.

- Essa mesmo. Fez sucesso, essa?

- Muito.

- Eu era muito nova quando passou. Nunca tive muito saco pra ver novela.

Vocês repetem o mesmo diálogo cinco vezes. E agora com o Netflix é que não vejo mesmo.

- Tu tem quantos anos?

- Quantos tu acha?

- Vinte e um?

- Então deixa vinte e um. – respondeu, rindo.

- O que tu conversou com o Ator? Ele foi legal contigo?

- Foi. A nossa cena é só amanhã. O Diretor queria falar comigo hoje. Mas pelo jeito tá ocupado.

- Ele tá filmando uma cena completamente desnecessária. Eu mandei tirar, mas não me ouviram.

- Deviam te ouvir. Aposto que tu tem mais experiência que ele.

- Tenho mais experiência que toda equipe junta.

- Não duvido. A menina da produção me pareceu um pouco estabuada.

- Tu tem alguma dúvida pra me perguntar? A gente podia trabalhar juntas pra estudar o jeito que eu caminho, a entonação, essas coisas.

- Eu trabalho com imitações, entre outras coisas. Tu não viu o meu site?

- Vi.

- Então. Eu assisti todas tuas cenas que achei no YouTube. Eu já sei te imitar muito bem. Pode confiar.

Ivana não sabia o que responder. Por um lado, confiava tanto no talento de Felipa quanto na sua natural semelhança com ela mesma. Por outro, não confiava muito em ninguém. Mas não queria irritar Felipa. Ela precisava ficar íntima dela. Rápido.

- Tu me ajuda a escolher um figurino? A figurinista me deu duas opções pra cena em que eu ganho um prêmio. Eu não sei se prefiro o vestido branco ou o dourado.

- Claro.

Sem perguntar ou indicar um pingão de hesitação, Ivana trancou a porta do camarim e tirou a roupa. Ficou só com a calcinha fio-dental preta que vai até o umbigo para não marcar a barriga sob o figurino. Tentou ignorar o frio que atacou sua pele. Foi até a arara de roupas,

colocou o vestido dourado e posou para Felipa, que não se moveu um centímetro na cadeira. Felipa mandou ela colocar o branco. Depois mandou recolocar o dourado. Por fim, disse que provavelmente um vermelho ficaria melhor com o cabelo dela, mas entre esses dois, preferia o branco. Ivana agradeceu sua opinião e concordou com o branco. O Diretor entrou no camarim e cumprimentou as duas. Aliviado, disse que Felipa parecia um clone de Ivana. Ela soltou um sorriso falso e perguntou por que não tinha nenhuma fala no filme. Ele respondeu que a cena da virgindade seria como um sonho, uma fantasia. E a música, linda.

Depois que Felipa conversou com o Diretor e provou o seu figurino, foi olhar a cena que Ivana estava filmando. Ela entrou no set no meio da cena. A Produtora de Elenco, logo atrás dela, estava morrendo de medo de que o barulho do salto alto de Felipa contra o chão de cimento do estúdio atrapalhasse a cena, mas ela praticamente flutuou, com os pés suaves e o olhar direcionado. Felipa analisou Ivana sentada ao pé da cama, onde uma atriz mirim que interpretava sua afilhada estava deitada. Ela pensou se ficaria parecida com Ivana quando chegasse aos sessenta. Dos ombros para baixo, tudo estava bem, mas a incomodavam profundamente as linhas no pescoço, a boca levemente enrugada e a falta de frescor nos olhos. Talvez fosse melhor morrer pelos cinquenta.

Ao terminar a cena, Ivana convidou Felipa para jantar ali perto, mas ela disse que preferia dormir cedo. Precisava se preparar para a cena do dia seguinte e não queria chegar com olheiras. Sentindo-se rejeitada, Ivana voltou para o hotel em meio à fumaça de morango novamente. O rádio tocava alguma música pop nova que ela não conhecia. O motorista percebeu que ela não estava bem e perguntou se devia trocar a estação. Ela respondeu que não.

Ivana chegou no hotel e entrou na banheira para tentar relaxar. Estava ansiosa para ver aquela cena de sexo. Não acreditava no que havia inventado. Tudo era o oposto do que havia acontecido na realidade. Uma atriz que originalmente era um homem iria fingir uma transa com um cara bonito em um celeiro de mentira por causa de uma história absurda que ela inventara em uma entrevista. Ah, o cinema.

Ivana deitou na cama de roupão. Bebeu uma garrafinha de vinho tinto que achou no frigobar. Tentou ligar para a irmã, mas ela não atendeu. Passou os canais da televisão. Desligou tudo e tentou dormir. Ao fechar os olhos, já sentiu que o sono não ia vir. Ficaria pensando na cena do dia seguinte, mesmo que não estivesse nela fisicamente. Tomou dois comprimidos de Rivotril e sentiu a sonolência bater. Lembrou do vinho e pensou que geralmente não era bom misturar. Mas ia dar tudo certo. Pegou no sono.

Ivana acordou entorpecida. Quando percebeu a luz forte que entrava pela janela, foi desesperada atrás do celular para ver a hora. Eram 11h17. Soltou uma sequência de seis palavrões, colocou a primeira roupa que encontrou e ligou para o Motorista. Quando entrou no carro, pediu que ele dirigisse rápido. Ele passou alguns sinais amarelos duvidosos, se enfiou na frente dos carros e chegou no set em onze minutos. Mesmo assim, quando Ivana entrou, a equipe já estava almoçando, e a cena da virgindade estava filmada. Ivana correu até o seu camarim, ignorando a Produtora de Elenco que a seguia como uma sombra tagarela. Bateu a porta na cara dela, trancou a chave e sentou. Colocou os pés sobre a cadeira, abraçou as pernas e ficou olhando para o chão, tentando se acalmar. Ela sentia que acabara de perder

um pedaço da própria vida. Poderia ter vivenciado um momento seu que nunca aconteceu, mas que gostaria que tivesse acontecido. Ver na tela não teria o mesmo efeito. Ela queria ter visto os corpos se mexendo na sua frente. Foi até o espelho, treinou sua cara de quem não dá bola pra nada e foi almoçar com a equipe.

Ivana acabou sua última cena às 19h10. A equipe foi para um bar com paredes pretas e drinks coloridos para comemorar. Todos estavam aliviados por terem concluído o filme sem nenhuma briga física e com todas as cenas filmadas com primor. O que é “primoroso” sempre será subjetivo. Ivana ficou de olho em sua dublê, esperando ela ficar bêbada, mas Felipa era forte para bebida. Ela começou a enrolar a língua com o quinto drink, enquanto Ivana permanecia quase sóbria após duas taças de champanhe. Quando as duas encontraram-se em um canto do balcão, Ivana sentiu que era hora de tentar satisfazer o fetiche que alimentava há mais de trinta anos: transar consigo mesma.

- Como foi a cena? Não consegui chegar a tempo. – perguntou ela, com voz doce.
- Tranquila. – respondeu Felipa.
- O Ator não se passou?
- Não.
- Que sorte. Tantos já tentaram se passar comigo.
- Esse não.

As duas ficaram em silêncio por alguns segundos. Ivana precisava melhorar a conversa, mas não sabia por onde ir pra chegar onde queria.

- E tu gostou de ser minha dublê?

Felipa colocou o drink na mesa e olhou para Ivana, séria.

- Eu não fui tua dublê.
- Tu...
- Eu fiz o papel da Ivana jovem. Eu seria tua dublê se tu tivesse cena de ação e ficasse com medo de se estrebuchar.
- Tá certa. Usei a expressão errada. Mas tu gostou?
- Gostei. Não amei. Eu gosto de usar minha voz. Cantar. Pegação é só pegação.

A luz que fizeram tava bonita, mas aquele feno infernal tá coçando até agora.

Ivana tomou dois goles de champanhe.

- Posso te fazer uma pergunta meio indiscreta?
- Esse é o tipo de pergunta que eu mais ouço. – Felipa soltou um suspiro, cansada. - Tu quer saber se eu fiz cirurgia. Ou com qual gênero eu fico.
- A primeira.
- Não fiz.
- E a segunda?
- Depende do meu humor.

- E como tá o teu humor hoje? – Ivana se sentiu uma conquistadora barata ao perguntar.

- Hoje o meu humor tá bom pra beber mais dois drinks, dançar, ir pra casa, me masturbar e dormir.

A resposta foi como uma bofetada em Ivana, mas ela não conseguiu aceitar facilmente a rejeição.

- Eu só acho que uma noite juntas poderia ser interessante – Ivana tentou.

Felipa sentiu uma preguiça de ter que negar de novo.

- Eu tenho vinte e sete anos. – Felipa começou.

- E daí?

- Quando fiz vinte e seis, já tive a crise da virada pros vinte e tantos. A minha crise dos trinta eu não sei como vai ser. A dos cinquenta, não quero nem ver. Como é a dos sessenta?

- Não tive crise.

- Mas eu vou ter. Eu sofro a cada ruga nova. A ideia de cabelos brancos no meu corpo me dá arrepios. Eu sinceramente te acho muito bonita e sei que a gente é parecida, mas transar contigo seria traumático.

Felipa levantou da mesa e foi dançar com a equipe na pista improvisada. Ivana, sentindo o coração bater no teto e a vagina no chão, ficou sentada no banco. Olhou para a pista, onde seu corpo de quarenta anos atrás dançava sob uma luz vermelha. O corpo que não a quis. Bebeu um gole de champanhe da sua taça quente. Tinha gosto de bebida velha.